

## EDUCAÇÃO E FILOSOFIA DIALOGANDO PRÁXIS E LIBERTAÇÃO

Edcleide da Rocha Silva\*  
Junot Cornélio Matos\*\*

**Resumo:** O presente trabalho se inscreve como parte de algumas das inquietações que permeiam a pesquisa que está sendo desenvolvida pelos autores durante mestrado de Educação do PPGE/CEDU/UFAL. Assim sendo, nos amparamos na questão de olhar ao outro latino-americano, ao mesmo tempo que temos o intuito de unir algumas questões pedagógicas e filosóficas sobre a práxis do educar, onde a escola é vista como espaço de luta para a libertação, na medida que caminhamos para uma possível emancipação social. De modo que a educação aqui pensada sirva como formação para Outro latino-americano não apenas como desenvolvimento de habilidades manuais reprodutora dos moldes educativos que servem apenas ao meio de reprodução do capital. Mas, que seja a práxis educativa meio para a consciência crítica, onde se somem os conhecimentos, e o ensinamento não deixe de lado a vida prática. Para que pasamos dialogar tais questões filosóficas-pedagógicas que a nosso ver são indissociáveis, trabalharemos com a *Filosofia da libertação* de Enrique Dussel, no qual dialogaremos com algumas questões sobre a libertação e emancipação abordadas por Paulo Freire. Nossa meta é trabalhar questões como: a filosofia da práxis, a libertação e a esperança. Deste modo, a perspectiva é tratar elementos da práxis filosófica de modo que possamos pensar e buscar meios para a transformação na educação atual, tento a escola como espaço de demarcação, onde ensinar e aprender sejam visto como parte de um processo maior ao qual estamos inseridos/as, olhando para a educação que temos para miramos a educação que almejamos com nossas lutas para uma educação que emancipe o Outro<sup>1</sup>, na medida em que a responsabilidade seja transporte de nossa construção com Outro latino-americano.

**Palavras-chave:** Educação. Filosofia da práxis. Libertação. Outro.

**Resumen:** El presente trabajo se inscribe como parte de algunas de las inquietudes que permean la investigación que está siendo desarrollada por la autora e el autor durante el master en Educación del PPGE/CEDU/UFAL. Siendo así, nos amparamos en la cuestión de mirar al otro latinoamericano, al mismo tiempo que tenemos el propósito de unir algunas cuestiones pedagógicas y filosóficas sobre la praxis del educar, donde la escuela es vista como espacio de lucha para la liberación, en la medida que caminamos para una posible emancipación social. De modo que la educación aquí pensada sirva como formación para Otro latinoamericano no sólo como desarrollo de habilidades manuales reproductora de los moldes educativos que sirven al medio de reproducción del capital. Pero, que sea la praxis educativa medio para la conciencia crítica, donde se sumen los conocimientos, y la enseñanza no deje de lado la vida práctica. Para que pasamos a dialogar tales cuestiones filosóficas-pedagógicas que a nuestro ver son indisolubles, trabajaremos con la Filosofía de la liberación de Enrique Dussel, en el que dialogaremos con algunas cuestiones sobre la liberación y emancipación abordadas por Paulo Freire. Nuestra meta es trabajar cuestiones como: la filosofía de la praxis, la liberación y la esperanza. De este modo, la perspectiva es tratar elementos de la praxis filosófica de modo que podamos pensar y buscar medios para la transformación en la educación actual, intento la escuela como espacio de demarcación, donde enseñar y aprender sean vistos como parte de un proceso mayor al que estamos insertos / as, mirando hacia la educación que tenemos para mirar la educación que anhelamos con nuestras luchas para una educación que emancipe el Otro en la medida en que la responsabilidad sea el transporte de nuestra construcción con el Otro latinoamericano.

**Palabras claves:** Educación; Filosofía de la praxis; Liberación, Otro.

---

\* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alagoas

---

\*\* Professor Associado I do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco e docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas.  
E-mail: junotcmatos@gmail.com

## Introdução

A educação não pode ser pensada isolada do contexto histórico e social. E como parte deste contexto a escola que temos hoje é fruto de um determinismo e seu processo de dominação, processo esse que reflete em nós, os outros latinos, toda uma cultura de encobrimento de quem somo. Temos que compreender que mesmo sendo um espaço onde se perpetuam as ideologias dominantes (não neutras) e excludentes de nossa sociedade, é a escola, um espaço de educação no qual devemos lutar, nos fazer estudantes de nós mesmo, para enfrentamento da hegemonia deliberativa ocidental europeia (que perpassa o campo econômico do capital e de uma filosofia inscrita no Eu/mesmo, como iremos colocar mais adiante) que tende dividir o trabalho intelectual do trabalho produtivo manual, na sua divisão de classes que se reflete na relação: opressores e oprimidos e produção brusca de violência, ao deslocar a América Latina do processo de conhecimento intelectual.

Os princípios filosóficos que permeiam nossa pesquisa é a percepção indissociada que temos da educação com a filosofia, é na práxis educativa que iremos caminhar o nosso pensar filosoficamente. Onde olhar ao mundo, tornasse a verificar as condições impostas hegemonicamente sobre a América Latina, pelo mundo privilegiando e vigente (mundo europeu), onde o outro é determinado pelo mesmo, de modo que o futuro seja utópico e o passado apagado e reescrito de forma que nos tornem (latino-americanos) periferia de seu mundo dominante. Onde a filosofia passou a ser colocada como patrimônio exclusivo da mundialização europeia. Citamos.

A filosofia europeia deu preponderância quase exclusivamente à temporalidade, e, com razão, privilegiou a fundamentalidade do futuro, do *Prinziphoffnung*<sup>2</sup>. É preciso entender bem a questão e descobrir a armadilha. Com efeito, se o homem é o que é por seu projeto ontológico, por aquilo que se compreende poder-ser, pelo que intenta, como singular ou grupo, aceitando; contudo, o projeto é a possibilidade fundamental do “mesmo”. O mesmo que já se é, é o que em última análise se intenta. [...], é somente a atualização daquilo que está em potência do mundo vigente (DUSSEL, 1977, 2.2.4.2).

Condenados pelo mundo dominantes, os povos do mundo periferia, passa a ser parte do projeto de um grupo que se perpetuou na nossa história como dominante, e a história latina passou a ser escritas pelo mundo vigente, sem diálogos, e com anulações do pensamento. Pensando nisso, nosso trabalho tende a apontar algumas reflexões onde iremos abarcar a práxis e a esperança enquanto meios filosóficos acerca do pensamento e da educação. De modo que a Educação possa ultrapassar as barreiras colocadas pelo mundo vigente, de trabalho produtivo e trabalho intelectual, ou seja, pensada pela e para transformação, onde o/a outro excluído/a possa ser parte do meio educacional, se sentindo inserido no meio social.

Dentro desse campo, nosso trabalho está sendo inscrito na busca de uma práxis educativa, que vise a libertação do Outro<sup>3</sup>,

<sup>2</sup> Do alemão: Princípio da esperança [tradução própria].

<sup>3</sup> Linguagem adotada por Enrique Dussel, por meio de sua influência com o pensamento da alteridade de

onde trabalharemos os seguintes pontes: O estudo parara o outro e a educação; A escola como espaço de luta, esperança, transformação libertação; A práxis e a educação para a libertação do Outro.

### O estudo para o Outro e a educação

O pensar a educação vincula-se à ideia de formação humana de homens e mulheres que realizam sua vocação em profunda interação com o mundo que lhes alberga. Homem e mundo são fenômenos que se humanizam recíproca e dialeticamente. Entretanto, o pensamento da educação requer que se diga do quanto nos referimos de maneira fundamental à relação que tecemos conosco e com os outros. Educação é relação. Relação que leva a uma possível compreensão de si (um dizer de si sobre si e para si) e do outro (um dizer do outro, para o outro e com o outro). É possível preconizar a educação como possibilidade e necessidade humana que impõe-se como condição do seu humanizar-se. Tal imperativo leva ao estabelecimento do eu, como outro do outro. Do outro como algo que não é apenas um fora de mim; porém, um diferente de mim. Um outro que se constitui com seus afetos e atravessamento, suas peculiaridades e idiosincrasia e que me afeta e atravessa sem deixa de ser um outro e sem me tornar um igual.

---

Emmanuel Lévinas que tem como base filosófica a ética, fazendo assim uma crítica a questão centrada no Ser/ Mesmo, ocidental europeu. O Outro em Dussel é a representação dos povos latinos que tiveram culturas dizimadas pelas colonizações europeias. Para maior apropriação sobre o termo alteridade em Lévinas ler: Totalidade e Infinito.

Dialogar com Dussel e Freire nos permitirá apontar nossa visão de mundo, para uma educação que seja forma de resistência ao eurocentrismo educacional, isso não significa que estamos nos fechando ao conhecimento produzido pelos europeus, mas sim, que buscaremos nos colocar no campo da existência do pensamento, dando face ao outro negado historicamente pela colonização. O que significa que devemos dá o respeito aos estudos já feitos, para o reconhecimento de melhor instrumentar o nosso pensamento, como FREIRE (2006), nos alerta: “Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (p. 13).

A filosofia e a educação atuam como metodologia do diálogo, para pensamos a formação e o estudo como direções para a transformação social, onde o/a oprimido/a possam derrubar o sistema de controle do mundo da servidão, colocando assim, o debate de uma educação formal que dialogue com a não formal, como forma de enfrentar a dicotomia mão e cérebro, onde a educação escolar formal ganha campo de luta e enfrentamento, que que por vezes esquece que deve formar para além do mercado e potencializar o papel de problematizadora do mundo e as suas diversas contradições que estamos inseridos.

A escola mesmo que formal, tem sido espaço de luta entre sujeitos oprimidos e sujeitos opressores, afim de tornar visível o que vem sendo invisibilidade dentro de nossa história e educação. O estudar é a busca de nosso saber canalizado como ignorância, na qual a práxis política e histórica de nossa gente se coloca nessa pesquisa como busca de mudança, que se faz necessária para nossa libertação, “[...] a contenção verbal é uma

virtude indispensável aos que se entregam ao sonho por um mundo melhor. Um mundo em que mulheres e homens se encontrem em processo permanente de libertação” (FREIRE, 2011, p.60).

A invisibilidade de nossa histórica latino-americana, cabe a todo um processo de dominação e exploração. Cabe a um campo de disputa dos controles produtivos e reprodutivos do mundo dominante, onde se internalizam normas e mercantilista no educar o Outro para a submissão e dependência, portanto, o que temos hoje como espaço de reprodução da ideologia do capital, não nasceu no presente (como bem sabemos), mas sim, de toda uma ocultação de nossas histórias, a ocultação do Outro, e por isso caminhamos neste artigo para algumas reflexões acerca da educação como espaço de luta e resistência para a libertação com respeito às diferenças culturais.

Nos colocaram como inimigos de nós mesmo, e ao mesmo tempo se fortaleceram como os “mesmo”, opressores. O resultado que implica chamar de fracasso da América latina é resultado de um âmbito maior de fortalecimento/engrandecimento de controle dos meios de produção (manuais e intelectuais) por aqueles que compõem o chamado primeiro mundo.

É a América latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem acumulado e se acumula até nos distantes centros de poder. Todo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recur-

sos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e por certo também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que grandes as cidades e os portos exercem sobre suas fronteiras internas de viveres e mão-de-obra (GALEANO, 1976, p.14).

Como podemos notar na citação de Galeano a malha que silencia e visibiliza nossa história foi construída no processo de exploração na qual é a América Latina a região de veias abertas, onde o sangue dessas veias é uma imensurável exploração, um grande espaço de exploração. “Para os que concebem a História como disputa, o atraso e a miséria da América latina são o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas acontece que aqueles ganharam graças ao que perdemos” (GALEANO, 1976, p.14).

Freire 2006 nos coloca a refletir sobre nossas ações tanto no campo de educando quanto do campo de educador. Valorizando assim aspectos para além do escrito, na medida em que a leitura da palavra não seja puramente a leitura da escrita, e onde a leitura do mundo possa nos motivar a repensar nossas ações e assumimos a atitude crítica, que nos leve a problematizar a realidade

social na qual estamos inseridos, onde entre a repetição e o pensamento crítico passamos compreender a relação dela com o mundo no qual somos parte, desde modo, não devemos nos limitar com a apreciação dada, nem com as questões importantes e vigentes sobre o espaço do educar.

É pois, o estudo, uma tarefa indispensável, para nossa forma de trabalho organizativo, compartilhamento de luta de classe, enfrentamento político e ideológico, no qual nos inserimos, e em nossas práxis colocamos a importância de da face ao que nos foi negado pela força conservadora do mundo vigente. Deste modo a educação nos dá esperança para enfrentamos a mercantilização que tem sido feita desta, ao mesmo tempo em que estudamos de maneira crítica e buscamos problematizar a reprodução educacional como mercadoria a serviço de um sistema.

### **A escola como espaço de luta, esperança, transformação e libertação**

A escola por anos tem sido um lugar de anulação ao outro, a história latina. De forma que as teorias e ideologias dominantes se perpetuam indissociada das práticas educativas reprodutoras. Mas assim como ela tem sido este espaço da reprodução e da formação para o mercado, sendo de alguma forma violência a classe oprimida, a escola é também espaço de luta e demarcação de uma educação transformadora e crítica, de forma que seja possibilidade de libertação social, por meio da transformação. “O seu espaço reprodutivo não a reduz a zero: pelo contrário marca o tipo de combate que já foi desencadeado e que é preciso continuar. É esta dualidade, característica da luta de

classe, que institui a possibilidade objetiva de luta” (SNYDERS, 2005, p.103).

E como espaço de luta que é a escola, encaramos a mesma como também um espaço de esperança e amor. Uma esperança fundamentada no desejo de mudança, contra a hipocrisia do chamado primeiro mundo e suas formas de dominação, opressão e violência, seja no contexto social ou da educação formal. Violência essa que nos é estabelecida no âmbito existencial, onde nos exploram, se estabelecendo a “ordem” de quem manda e quem obedece, porém como a práxis é possível ir em luta desvelando a opressão, deste modo compreendendo e construindo o processo de libertação para o rosto do outro negado. “Não haveriam oprimidos, se não houvesse uma de violência que conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão” (FREIRE, 1983, p.24).

O rosto negado, violentado e invisibilidade, nesse processo ao qual estamos inseridos se revela, na exclusão, na miséria da alienação. Quando o/a oprimido/oprimida provoca e se coloca como responsável, será mais que um rosto negado, será resistência à opressão, e deste modo a educação pode vir a ser esse campo de enfrentamento, e visibilidade de conquista e afirmação. “O rosto negado do homem se revela como outro quando se apresenta em nosso sistema de instrumentos como exterior, como alguém, como uma liberdade que interpela, que provoca, que aparece como aquele que resiste à totalização instrumental. Não é apenas algo; é alguém”. (DUSSEL, 1977, 2.4.2.2). O outro que ganha fazer no enfrentamento no processo educacional no qual estamos inse-

ridos como resistência é uma caminhada pela tomada da consciência crítica.

É no passo dessa caminhada pela conscientização crítica que notamos a questão de opressor e oprimido, da mesma forma que a situação da violência é mascarada pelos opressores, de forma que oprimidos sejam colocados como classe violenta, quando na realidade a resposta em “rebelião” dos oprimidos é o reconhecimento de seu processador de opressão. De modo que a libertação é uma resposta da tomada de consciência e luta pelos espaços ao qual nós o outros, fomos privados conhecer, como meio de superação das contradições, nas quais se fundamentam as opressões e violência, isto implica lutar contra a cultura do silêncio no qual se efetua a marca da violência hegemônica.

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua “generosidade”, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamaram de oprimidos, mas, conforme se situem, interna ou externamente, de “essa gente” ou “essa massa cega e invejosa”, ou de “selvagens”, ou de “nativos”, ou de “subversivos”, são sempre os oprimidos os que desamam. São sempre eles os “violentos”, os “bárbaros”, os “malvados”, os ferozes, quando reagem à violência dos opressores (FEIRE, 1983, p.45-46).

Deste modo o espaço escolar não pode ser visto como espaço de generosidade oferecido pelos opressores, mas sim, como espaço de luta e demarcação de nossa existência. Onde nós os outros possamos dialogar sobre nossas perspectivas, angustias e esperanças para o meio educacional, ultra-

passando as barreiras da educação puramente formal, trazendo elementos de uma educação não formal, onde educadores/ras sejam parte de nós os outros, e com quem possamos interagir e nos integrar como resistência em processo construtivo contra a opressão e mercantilização da educação, onde nem a educação nem nós os outros sejamos coisas com determinadas finalidades prescritas no mundo vigente opressor.

A ação e a reflexão nos cabem como meio de atentar à opressão do mundo opressor, que por seu meio de suas ideologias avassaladoras tendem coisificar o ser, transformando nossa existência (outros latino-americanos) em inexistência e dependência, na medida em que o sul se tornou a periferia e campo de mão de obra do norte europeu, e este último se colocaram como os pensantes, dominantes e hegemônico.

A práxis por sua vez, cabe como transformação, de forma que nos direcione para a libertação, sendo esta resultado da organização e luta continua para não naufragar em meio a desesperança. Haja vista que a esperança, seja uma utopia do real, fundamental para o enfrentamento, pois nos impulsionar a ocupar, demarcar e defender nossa existência. No qual corresponde o nosso ato de responsabilidade do projeto libertador, no qual a educação tem forma dialógica real de enfrentamento a opressão e violência, da ocultação histórica.

O ato libertador, expansão gratuita e responsável da bondade, lança-se confiante para o futuro (não o futuro do projeto ontológico que permanece no mesmo; a própria utopia é prolongamento imaginário do mesmo), para a utopia real (realização da exterioridade do outros, o real-

mente utópico: daquilo que agora e aqui não tem lugar, oúk topos em grego), para a ordem nova [grifo nosso: projeto de libertação] (DUSSEL, 1977, 2.6.9.2).

O futuro ao qual nós os outros nos lançamos ao falar de uma práxis para a libertação, não de ser uma utopia ontologia do mesmo, mas, que seja a realização da provocação, e revelação do real, e necessário ao qual buscamos, mobilizamos e somos responsáveis dentro do projeto de libertação e a bondade da qual Dussel (1977) trata, não diz respeito a ingenuidade, mas ao que permite encarar o perverso, nos permitindo o processo revolucionário.

O universo da educação ao qual estamos inseridos tente nos colocar como reprodutores de práticas reducionistas. Tais práticas acabam separando a produção manual (aquilo que colocamos como formação para o mercado do trabalho), da formação intelectual, e isso faz com se se perpetue a ideia de divisão de classes e mundos, quando o que deveria acontecer era associar produção à formação intelectual, de forma que pudéssemos reconfigurar o ensino que temos. Logo, a escola e o estudo são tão necessários quanto a esperança para enfrentar educacional que temos como espaço de luta, no qual estamos enquanto outros desvelando a essência da violência opressora.

Como forma de encarar a violência, a esperança e a educação caminham juntas para denunciar o que se é colocado de forma violenta e opressora ao Outro. De forma que, a expressão crítica na prática educativa, como no caso dos militantes salvadorenos que Freire Narra:

[...] Partiram para o embate se, combate sem, contudo, jamais des-

prezar a educação e sua importância para o combate mesmo. Evitam tanto quanto possível, de um lado, cair na ilusão idealista, que empresta à educação a força que não tem; de outro no objetivismo mecanicista que ela nega qualquer valor de revolução (FREIRE, 2011, p. 271).

Como notamos na citação, não podemos jamais enquanto esperançosos/as que somos na luta pelo resgate de nosso saber latino-americano desprezar a educação, pois a mesma é espaço de combate contra o mecanicismo ao qual estamos inseridos atualmente. A esperança é nossa práxis como meio de libertação, seu movimento contínuo faz da luta por nossa afirmação um processo, no qual não poderemos afirmar que em determinado ponto seja o final. Pois se tivermos a certeza do fim, estaremos imobilizando nossa luta.

Colocar o pensamento em dialética com a ação representa a apropriação daquilo que nos foi e por vezes é negado dentro da formação escolar, e a práxis nos coloca nesse chão de forma dinâmica e contextualizada, onde podemos pensar o outro pelo véis da libertação.

### **A práxis e a educação para a libertação do outro**

A questão pautada anteriormente é sobre o espaço de luta que a escola tem se tornado, ao mesmo tempo em que nós os outros latinos nos colocamos diante do olhar a nós como enfrentamento a ideologia dominante do norte. Esse enfrentamento não significa anular o conhecimento produzido até o presente, mas nos possibilitar Sulear<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Nota 15 do livro *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* de Paulo freire

nossa visão de mundo e outros violentados e oprimidos no processo sócio histórico de colonização, de exploração dos recursos naturais, de anulação das culturas e doutrinação religiosa. Desse modo, cabe ressaltar Dussel (2000), em *Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão*, quando coloca sobre a necessidade de termos corresponsabilidade no processo de projeto histórico, assim temos “esperança solidária” (p.531).

Como vemos em Galeano (1976) *As veias abertas da América latina*, onde culturas são massacradas, em nome do capital. Onde por vezes não conferimos o que nos vem e aplicamos a uma realidade que não é nossa, ao nosso contexto descontextualizado. Que Freire (2011), na *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* vem a questionar esse método que permeia nossa cultura sem que ao menos nos dermos conta de tal ideologia implícita em nosso vocabulário, em nosso agir prático pedagógico.

Os Autores citados neste trabalho, consideram o complexo educacional, e/ou cultural em que estamos inseridos como um poderoso instrumento de disseminação de princípios ideológicos, onde a educação nesse atual modo de civilização, onde estamos situados, é vista como objeto mercadoria. Deste modo, quando tratamos de esperança, estamos a usando no sentido de que essa tem papel de enfrentamento a mercantiliza-

ção educacional, ou condicionamento em que a liberdade parece estar presa nas situações e limites onde somos distribuídos por classes. A esperança é enfrentamento: “Das interdições e proibições” (FEIRE, 2011, p. 275).

A filosofia da práxis nos permite deste modo questionarmos e atuamos sobre a questão da emancipação sócia, onde a educação é meio de luta e resistência, o diálogo que buscamos com a teoria da libertação nos permite com a filosofia abordar questões sobre a nossa responsabilidade educacional. De modo que as relações entre o ensino formal seja ponte para atuação também com a educação não formal e mundo vivido pelos sujeitos/Outros latinos. A responsabilidade como ética da alteridade deve pela esperança como resistência nos fundamentar para enfrentar o íntimo da educação meramente reprodutora.

Cabe então desvelar alguns enigmas de que o Outro é mero instrumento de mão de obra, visibilizando assim os perigos das máscaras do sistema europeu em nosso cotidiano.

“O outro em tempo de perigo é transformado graças às ideologias em “inimigo” em tempos de paz, embora sempre seja tido como perigo em potencial (causa da angustia fundamental de todo sistema totalizado ou esquizóide), o rosto do outro é manipulado como mera coisa sem transcendência nem mistério, e é construído como instrumento. O rosto é trocado por uma máscara, feia rústica. A máscara já não é o rosto; já não interpela; é um móvel a mais no ambiente. Passa-se junto ao outro e simplesmente se diz: “um

---

(2011): “Suleá-los”: Paulo freire usou esse termo que na realidade não consta dos dicionários da língua portuguesa, chamando a atenção dos leitores(as) para a conotação ideológica dos termos nortear, nortear-lo, nortear-se, orientação, orientar-se e outras derivações.

operário!” ou “um índio!”, ou “um negro!”, ou “um paquistanês subnutrido” (desses que se colocam nos cartazes para pedir à gorda Europa e Estados Unidos esmola para os países pobres; dessa forma chegam a ter boa consciência, esquecendo por que estão raquíticos e sobretudo o que tem a ver o centro com a fome da periferia) (DUSSEL, 1977, 2.5.6.1).

Como enfatiza a citação a ideologia do “inimigo é arma forte para enfrentamento, na qual temos que lutar contra nos fortalecendo no ato de educar. Onde a práxis da libertação encara nesse processo de continuo a práxis da opressão/dominação. Neste enfrentamento no qual caminhamos buscamos a libertação, logo, para emancipação social contra a hegemonia a ideologia é uma das mais perigosas formas de alienação na qual nós os outros precisamos nos fortalecer contra e o estudo é meio pelo qual somos responsáveis pelo Outro enquanto formados para o ensino e aprendizado, os lugares da educação e da formação pedagógica.

Não estamos falando ao Sulear nosso educar, de apenas uma questão geopolítica de Norte e Sul, mas estamos nos afirmando, de forma que encaramos a alimentação como ideologia dos dominantes na qual sua virtude estar na dominação da periferia, “As virtudes do centro e das classes dominantes... são alienação na periferia e nas classes dominantes. (DUSSEL, 1977, 2.5.8.4), e é sobre essa que devemos nos fortalecer e nos afirma, contra a mercantilização dos povos, dos indivíduos, dos outros latinos. De modo que ao encarar a educação como espaço de enfrentamento possamos ir contra àquela ideologia que nos coloca como propriedades

do centro hegemônico do pensamento ocidental, nos suleando para a libertação do Outro negado e violentado no processo mercantil qual vivemos.

Falamos em liberdade no sentido que exige de nós pela práxis política e pedagógica a reponsabilidade “[...] liberdade aqui não é somente uma certa possibilidade de escolher entre diversas mediações que dependem do projeto cotidiano. Liberdade agora é a incondicionalidade do Outros com relação ao mundo no qual sempre sou centro” (Dussel, 1977, 2.4.6.1). Deste modo, a liberdade implica mirar o outro e ser responsável por esse, do contrário estaríamos reproduzindo a espontaneidade da liberdade do capital, na qual é cada um por si, ou seja, estaríamos nós reproduzindo o sistema da reprodução e individualismo.

Entre a educação que temos como, dito antes e a que queremos se exige um comprometimento de nós os outros, onde temos a responsabilidade pelo projeto e prática que nos leve a libertação, de maneira a não negarmos a realidade e nosso papel na construção, mantendo a esperança como motriz de luta.

### Considerações

Nosso trabalho percorreu um caminho de reflexões sobre a práxis educativa, na qual resgatamos por Enrique Dussel e Paulo Freire o princípio da responsabilidade ética com relação a uma práxis reconstrutiva e revolucionária. Para isso foi preciso durante o processo de escrita trazer elementos para refletir e compreender o processo de dominação. Deste modo, a práxis aqui colocada nos serve como forma efetiva na reconstrução de um projeto de libertação, que tende a

visibilizar o outro negado, excluído e explorado, no processo de dominação ideológica, exploração mercantil e alienação social.

Destarte que, em nosso trabalho a libertação e a práxis são parte do processo de colocar a realidade em primeiro plano investigativo, por meio das ações concretas no movimento continua da luta por demarcação de espaço e luta, no qual a educação é nosso ponto de partida. Como coloca o pesquisador Medeiros da Silva (2012) colocará que: “A Filosofia da Libertação é a tentativa de pensar, em primeiro lugar, a realidade, não a Filosofia. Nesse âmbito, a Filosofia da Libertação enquanto Ética da Libertação tenta pensar e transformar a realidade de exclusão econômica, social, política e cultural da maioria da humanidade” (p. 93).

Tendo em vista nossa caminhada esperamos ter sido cabíveis em nossos

apontamentos para compreensão da necessidade de mantermos nossa esperança sempre acesa como forma de nos fortalecer e nos colocar diante dos novos/velhos desafios, na medida em que nos percebemos enquanto Outros/Outras na caminhada pela práxis libertadora do processo educativo, que buscamos proximidade de nossa realidade do Sul enquanto uma periferia explorada de muitas maneiras, seja: a pedagógica, assim como a ideológica, geográfica e política, precisa ser encarada, de modo que a libertação seja a própria libertação pela realidade onde estamos inseridos/das.

## Referências

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América latina**. Trad. de Ephaim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. E. Orth. Petrópolis:Vozes, 1997.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Trad. de Ephaim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M. E. Orth. Petrópolis:Vozes, 2000.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Coleção: Estudos Latino-Americanos, vol. 12. 25ª Ed, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultura para a liberdade e outros escritos**. 11ª Ed, São Paulo – Paz e terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. 17ª Ed. São Paulo – Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Coleção o mundo, hoje, vol. 21. 13ª Ed, Rio de Janeiro – Paz e terra, 1983.

SILVA, José Vicente Medeiros da. **Filosofia, responsabilidade e educação em Enrique Dussel**. In: Revista: Perspectiva filosófica. Filosofia: construindo os caminhos do ensinar e do aprender, Artigo v. 2, n. 38 2012. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/230203/24441>>. Acesso em Outubro de 2017.

SNYDERS, Geoges. **Escola, classes e luta de classes**. Título original: *Ècole, classe et lutte des classes*. Tradução de Leila Prado. São Paulo – Centauro Editora, 2005.

Recebido em: 26/07/2021

Aprovado em: 14/11/2021